



# **A PARTICIPAÇÃO DA FORÇA PÚBLICA E DA GUARDA CIVIL PAULISTAS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

*João Vitor Palmeiro*



**Resumo:** O presente trabalho tem por finalidade tratar da participação da Força Pública do Estado de São Paulo e da Guarda Civil na Segunda Guerra Mundial, explicando o contexto da guerra em seus primórdios, as inovações tecnológicas, o porquê da entrada do Brasil neste conflito. A pesquisa busca discutir a doutrina militar americana, novo e moderno modelo de combate, e a necessidade dessa doutrina de existirem policiais militares na tropa. Também pretende trazer à luz qual era a situação das tropas fardadas paulistas naquele período histórico.

**Palavras-chave:** Segunda Guerra Mundial. Força Expedicionária Brasileira. Polícia militar. Força Pública. Guarda Civil.

**Abstract:** The purpose of this paper is to deal with the participation of the São Paulo State Public Force and Civil Guard in the Second World War, explaining the context of the war in its early days, the technological innovations, and why Brazil entered this conflict. The research seeks to discuss the American military doctrine, a new and modern model of combat, and the need for this doctrine to have military police in the troops. It also aims to shed light on the situation of São Paulo's uniformed troops in that historical period.

**Keywords:** World War II. Brazilian Expeditionary Force. Military Police. Public Force. Civil Guard.

## INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial é, até hoje, o maior conflito que a humanidade já vivenciou, consequência de uma guerra mundial anterior e de questões não resolvidas, além do expansionismo de regimes totalitários. Esse conflito evidenciou o quanto o conceito de guerra mudou em muito pouco tempo, com diversas inovações tecnológicas e doutrinárias. Muitos argumentam que houve uma mudança maior nesse interstício de 20 anos entreguerras do que durante os 100 anos anteriores.

O Brasil, mesmo afastado de todos os teatros de operações, com problemas de ordem econômica e, principalmente, social, envolveu-se de forma direta no confronto, sendo o único país da América do Sul a enviar tropas à Europa para combater o avanço alemão, reunindo uma força composta por quase 25.000 homens e mulheres que combateram na Itália, com o intento de romper a Linha Gótica, em um ambiente que variava entre a neve nas montanhas da cordilheira dos Apeninos e os combates urbanos nas comunas italianas.

Quem foi diretamente envolvida na guerra, por causa da agressão alemã, foi a Polícia Militar do Estado de São Paulo, que, na época, ainda era composta pelas forças policiais que a originaram: a Força Pública e a Guarda Civil. A primeira tinha como missão guarnecer o território paulista contra uma possível agressão e contra a espionagem alemã, a segunda foi para a Itália, incorporada ao Exército para ser a gênese da Polícia do Exército, com a responsabilidade de proteger a população dos locais ocupados e impedir transgressões disciplinares na tropa.

A Polícia paulista, assim como fez no Campo das Palmas, em Canudos, e na Retirada da Laguna, foi leal a seus princípios e cumpriu a missão com responsabilidade, sem nenhuma falha, tendo dois heróis tombado na Itália junto a outros combatentes brasileiros que deram suas vidas para vingar o sangue brasileiro derramado no Atlântico e frear o avanço alemão que ameaçava subjugar a todos.





## O QUE ACONTECIA NOS TEATROS DA GUERRA

O ano era 1942, a Segunda Guerra Mundial estava em seu quarto ano de luta, com frentes sendo combatidas pelos aliados na Europa e no Mediterrâneo contra o Exército Alemão, apoiado, em algumas, frentes pelo Italiano, além das ilhas do Pacífico, contra o Império do Japão. Nos anos anteriores, houve eventos de grande magnitude para o desenrolar da guerra, como a invasão da União Soviética (URSS) pela Alemanha após a última trair o que foi acordado no pacto Molotov-Ribbentrop; o ataque surpresa à base naval de Pearl Harbor, que colocou os Estados Unidos da América (EUA) na guerra; e as tropas alemãs marchando sob o arco do triunfo após invadirem com sucesso a França, contornando a Linha Maginot e colocando em dúvida a eficiência da doutrina militar francesa.

O começo e o final do citado ano mostraram a total mudança no mapa da guerra. No *front* soviético, a expansão alemã estava com seus dias contados, pois logo em julho iniciar-se-ia a Batalha de Stalingrado, ponto chave da virada soviética no curso da guerra. No Mediterrâneo, os ingleses ainda esperavam conseguir sua primeira vitória que tivesse real importância para uma possível mudança estratégica, algo que viria somente em julho na primeira batalha de El Alamein, pois, com a vitória aliada nesta batalha, foi sustado o domínio do Egito, negando às tropas de Hitler o acesso a vastos poços de petróleo da região.

No Pacífico, houve praticamente total domínio japonês, por meio de uma tropa extremamente bem adestrada, doutrinada e treinada em combates anfíbios e guerra na selva, com seguidas vitórias em combate contra australianos e americanos. Tal situação só viria a mudar de curso com as invasões das ilhas do Pacífico, tendo seu desfecho sido demorado e exigindo extremo vigor e constância do corpo de fuzileiros navais dos EUA.

## INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

A guerra foi responsável por modernizações e inovações na tecnologia de combate, como os blindados Tiger da Alemanha, M4 Sherman (que não era tão poderoso, mas podia ser produzido em larga escala) e M26 Pershing dos EUA, T-34 soviético e o britânico Cruiser, com variadas versões. Vários dos blindados da Segunda Guerra seguiram sendo utilizados em combate até os anos 1970 e 80, até mesmo os leves e ultrapassados Panhard, constantes no exército de Holden Roberto, no contexto das lutas coloniais na África.

O uso do blindado em larga escala deu fim às cargas de cavalaria, que foram bastante presentes até o início da Primeira Guerra Mundial, tendo aos cavalos restado o trabalho de transporte de suprimento e armamento, principalmente nos Exército Alemão e Russo.

A última carga vitoriosa de cavalaria ocorreu em agosto de 1942, levada a cabo por uma unidade do *Corpo di Spedizione Italiano in Russia* (Corpo Expedicionário Italiano da Rússia), quando o 3º Regimento de Dragões de Savoia italiano carregou, com sucesso, sobre as forças soviéticas.

Outros avanços visíveis foram no campo da aviação e armamento individual, além de uma mudança doutrinária muito importante nas formas de combate, situação que afetou a tropa brasileira que viria a lutar na guerra e mudou completamente o rumo que tomaria a história da Guarda Civil e também da Força Pública.



Figura 1 – 10 de janeiro de 1945. Patrulha da companhia Baker, 86º Regimento da 10ª Divisão de Montanha dos EUA, em pausa para colocar os sapatos de neve.

Fonte: NARA

## MUDANÇAS DOUTRINÁRIAS NO COMBATE

Segundo a definição da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), uma doutrina militar é o conjunto dos “princípios fundamentais pelos quais as forças militares guiam suas ações em apoio a objetivos. Ela é autorizativa, mas requer julgamento em sua aplicação”.

A doutrina militar francesa, após sair vitoriosa da Primeira Guerra Mundial, não soube se modernizar no período 1919-1939, principalmente graças a uma aversão dos antigos generais, como Foch e Pétain, a mudanças significativas, além do fato de emergir de um ideal antibelicista que tomou conta da França. Graças a esse ideal, houve uma redução de investimento na indústria bélica e uma diminuição no tempo de treinamento do soldado, de 36 meses em 1913 para 12 em 1928. Toda essa falta de capacidade combativa aliada ao medo da vingança alemã resultou na criação da Linha Maginot, que foi responsável por um comodismo e uma falsa sensação de





segurança, já que no pensamento dos generais franceses, uma defesa sólida faria com que os alemães demorassem a entrar em terra francesa, dando tempo necessário para mobilizar reservas e estar com equipamento suficiente para sufocar um ataque.

Como é possível observar, a doutrina francesa tornou-se totalmente defensiva, baseando-se na guerra estática, com uma frente fixa protegendo um grande espaço de terra, priorizando o centro da linha em relação aos flancos, evitando, a todo o custo, penetrações que, caso se concretizassem, seriam rechaçadas por contra-ataques desencadeados pela infantaria, auxiliada por carros de combate, que seriam simplesmente uma forma de apoio secundário para abrir caminho à infantaria.

Quando se fala na organização das tropas da França, o comando de operações era totalmente centralizado nos comandantes de grandes unidades: Exércitos, Corpos de Exércitos e Divisões, limitando a liberdade de ação e iniciativa dos comandantes de regimentos, batalhões, companhias e pelotões. Essa é uma questão que se mostrará de especial peso na derrota francesa em 1940. Esse sistema tirava a capacidade de resposta rápida das unidades, tornava-as incapazes de reagir a mudanças súbitas. Como afirma Jonathan M. House, em seu livro *Combinação das armas: a guerra no século XX*

As ofensivas alemãs de 1918 já haviam demonstrado que qualquer ação inimiga que rompesse o posicionamento linear do defensor e seu planejamento encadeado encontraria os quartéis-generais franceses com a guarda baixa, incapazes de reorganizar uma defesa contra um atacante altamente móvel e flexível (House, 2008).

Já o lado alemão estava em constante aperfeiçoamento militar, com técnicas superiores às francesas e em pujante desenvolvimento bélico, desrespeitando o Tratado de Versalhes com apoio popular, algo já esperado pela elite política francesa. Nesse período entreguerras, os alemães desenvolveram-se militar e tecnologicamente, aplicando o “aço e o óleo” às antigas *Bewegungskrieg*, que eram estratégias alemãs de guerra de movimento.

A Divisão Panzer, por si só, já foi uma inovação para o período: concentrar os carros de combate em uma unidade própria, enquanto a regra nos exércitos do período era manter o carro como arma de apoio à infantaria. Essa situação levou à vitória rápida e contundente dos alemães sobre os franceses em 1940, pois o movimento não linear (dinâmico) somado ao uso de blindados e aviões acabou com qualquer chance das defesas francesas, principalmente após o contorno da Linha Maginot.

Já do outro lado do Atlântico, os EUA, país que saiu fortalecido da Primeira Grande Guerra utilizava, desde a guerra de 1812, uma doutrina de combate baseada no modelo francês, mas muito diferente de o que a França utilizou a partir do fim do conflito 1914-1918. A norte-americana era baseada em linhas e colunas de ataque atuando de acordo com a iniciativa dos comandantes de pequenas frações, com total ação ofensiva nas cargas da infantaria. Essa dinâmica deu a vitória da guerra à Tríplice Entente, porém, ao contrário do que aconteceu no caso francês, não houve entre os militares norte-americanos o tradicionalismo e o apego das velhas lideranças aos métodos pelos quais havia sido vencida a guerra.



Antes de 1940, o país já havia passado por algumas tentativas de modernizar as forças armadas, após estudos mostrando que o que se fazia na França era impraticável em um país de dimensões continentais como os EUA, por isso deveriam ser evitados trincheiras e fortificações. Outro ponto foi a caçada a Pancho Villa, no México, que deixou visível a importância da mobilidade em combate, já apontando um norte para as mudanças que aconteceriam em 1940.

No ano de 1941, as forças armadas norte-americanas estavam em uma situação de total despreparo, com pouco investimento e efetivo, enquanto eram ameaçados pelo poder e expansão dos países totalitários da Europa, cercados pelo Japão nas Filipinas e nos mares da Ásia. Isso levou a uma revisão completa da organização do Exército dos EUA, com a reestruturação dos quadros, aumento de efetivo e o desenvolvimento de nova doutrina, tão almejada pelo alto comando desde os anos 1920. Com essa doutrina o uso do blindado ganhou maior importância – até por ver o sucesso das divisões Panzer –, foi dado maior poder aos comandantes de frações, uso substancial de bombardeios estratégicos, algo planejado para atingir alvos em terra com o intuito de ter total controle do teatro de operações e mudanças na velocidade dos tiros e no uso de rádios mais modernos na questão da artilharia.

Todas essas evoluções elencadas levam a um dos principais pontos deste trabalho: como o Brasil, um país que recém entrava em desenvolvimento industrial, com um aparato bélico atrasado e uma população com características diferentes das europeias entrou numa “guerra de ricos”, como bem disse o general Mascarenhas de Moraes ao visitar o *front*?

Este ponto anteriormente citado também esclarecerá como as polícias paulistas, Força Pública e Guarda Civil, foram ajudar no esforço de guerra, tanto em solo brasileiro quanto italiano.

A doutrina americana exigia um ponto importantíssimo para o desenrolar da ocupação de um território conquistado e que afeta diretamente o que veio a ser a participação da Guarda Civil na Segunda Guerra Mundial: a presença de um efetivo de polícia militar na tropa do Exército. O combate moderno da época percebeu o quão necessário era a importância de uma tropa que tivesse a responsabilidade de ocupar o território tomado para proteger a população civil e evitar problemas na tropa, para isso foram criados, no Exército dos EUA em 26 de setembro de 1941, os “Military Police Corps”. A principal influência para a criação dessa polícia foram os chamados “Marechaussee Corps” do Exército Continental, que lutou na Revolução Americana. Essa tropa surgiu por ordem de George Washington para as funções de policiamento em campo de batalha, tendo inicialmente um capitão, quatro tenentes, três sargentos, cinco cabos e 43 soldados, além de quatro “executores”. A função específica dessa companhia era prender ladrões da tropa e evitar deserções, ficando na segunda linha de combate para que ninguém fugisse do campo, após combates, teria a função de guarnecer as prisões e escoltar os presos. Na já citada Primeira Guerra Mundial, em seu fim, os EUA criaram uma companhia de polícia militar, porém ela logo foi dissolvida.

Voltando a 1941, vários locais de treinamento foram estabelecidos para treinar essa nova tropa, cuja função era o apoio em operações terrestres, escolta de prisioneiros, investigação de crimes possivelmente cometidos por soldados ou que tivessem vitimado algum militar, segurança de rotas de passagem de tropa ou mantimentos e presença nas áreas ocupadas para proteger a população, evitando que as tropas convencionais, já afetadas pela guerra e pelo ódio ao inimigo, pudessem machucar os civis.



Durante a guerra, os EUA treinaram e doutrinaram em combate seus aliados, situação que afetou diretamente o Brasil, ainda adestrado na velha doutrina francesa, com armas alemãs antigas na infantaria, sem blindados modernos e com uma tropa que não recebia nem três refeições por dia e era exposta a constantes abusos em sua terra natal. Para chegar ao padrão americano, o Brasil recebeu armamento moderno, como alguns fuzis M1 Garand e submetralhadoras Thompson M1A1, mas, majoritariamente, fuzis Springfield e carabinas M1. Além disso, a Cavalaria recebeu o M-8 Greyhound, muito rápido e eficiente.

Uma exigência americana foi a criação, pelo Brasil, de um pelotão de polícia militar no Exército, para cumprir as funções já destacadas, além de tropas que permanecessem no litoral brasileiro para proteção contra possíveis invasões alemãs. Esse foi o início da jornada paulista na guerra, origem da décima sétima estrela do brasão de armas da Polícia Militar do Estado de São Paulo.



Figura 2 - Marechal Zenóbio da Costa, o idealizador da Polícia do Exército

Fonte: <https://filosofandoehistoriando.blogspot.com/2011/10/zenobio-da-costa.html>

## A SITUAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS FORÇAS ARMADAS

O Brasil, no ano início dos anos 1940, estava em um processo acelerado de industrialização e urbanização, com a população começando a migrar do campo para a cidade em busca de oportunidades. No campo político, o presidente Getúlio Vargas governava em um regime autoritário desde a imposição do Estado Novo no ano de 1937, governo marcado por investimentos na indústria, propaganda constante em favor da imagem de Getúlio em todos os meios de comunicação, criação de direitos e perseguição a adversários políticos, principalmente comunistas. Conforme citado anteriormente, as forças armadas do Brasil estavam em situação de quase penúria, com doutrina de combate ultrapassada, armamento antigo e uma tropa sem motivação e sem vontade de ali estar.



A guerra que acontecia na Europa parecia distante para um país como o Brasil de 1940, algo impensável de se chegar ao território brasileiro, porém o destino provou o contrário, tudo o que encaminhou o Brasil ao combate iniciou-se neste citado ano, fruto de negociações políticas, econômicas e diplomáticas. O Brasil de então era um país com fortes relações econômicas tanto com Alemanha quanto com os EUA, um país ambíguo, com um governo que lembrava o alemão em suas atitudes e em sua ideologia, porém com uma relação muito próxima ao país mais forte das Américas.

Os possíveis acordos comerciais tornaram-se o centro da atenção das relações diplomáticas que Alemanha e EUA travavam com o Brasil, pelo menos até as vésperas da guerra. Essa competição serviu de estímulo para o aprofundamento das negociações a respeito das duas prioridades definidas pelo governo de Vargas em relação à política exterior: a construção da siderúrgica e o fornecimento de armas e equipamento bélico para as forças armadas.

Internamente, o governo e as forças armadas dividiam-se em quem deveriam apoiar, o lado de Góes Monteiro e Gaspar Dutra aparentava apoiar um acordo com alemães, por motivos que variaram de convicção ideológica à falta de confiança na capacidade dos EUA de fornecer o que o Brasil requisitava. Por outro lado, em defesa do liberalismo e da unidade americana, o chanceler Oswaldo Aranha defendia a aliança com os Estados Unidos. Getúlio, pragmático como sempre foi, não escolhia lado e ia jogando conforme podia e de forma a beneficiar o Brasil, até o momento em que a aliança com os EUA ficou impossível de não se realizar.

Os Estados Unidos desenvolveram uma estratégia perfeita, usar o litoral brasileiro como trampolim para atacar o Mediterrâneo e para realizar reabastecimentos de aeronaves, além de evitar um suposto ataque alemão ao litoral nordeste que deixaria o Canal do Panamá vulnerável a um ataque, permitindo que os Alemães ficassem próximos ao território americano. Pressões e mais pressões adivinham dos políticos norte-americanos, que queriam construir e administrar bases no nordeste brasileiro, enquanto os brasileiros exigiam recursos para construir uma siderúrgica nacional, sonho antigo de Getúlio.

Roosevelt dizia que o apoio à construção da siderúrgica deveria vir dos investimentos privados americanos, os quais postergavam negociar, pois o Brasil exportava minérios para suas próprias indústrias. Para resolver a situação, Getúlio fez uma jogada de mestre: em 11 de junho de 1940, a bordo do cruzador *Minas Gerais* da Marinha do Brasil, discursou para oficiais das forças armadas do Brasil, criticando o liberalismo e dizendo que o futuro pertencia aos Estados fortes. Tal discurso foi interpretado como um apoio aos países do Eixo, tendo Vargas recebido, inclusive, uma carta de Mussolini, em forma de parabéns.

Tal discurso, somado ao apoio de representantes alemães ao rearmamento brasileiro e à indústria siderúrgica brasileira, chocou a elite política americana, que percebeu ser melhor ceder aos desejos brasileiros e investir na construção de uma siderúrgica, que acabou por vir a ser a Companhia Siderúrgica Nacional, além de enviar armamento, por ser um território importante a ser defendido e também porque os EUA já estavam fornecendo armamento para inúmeras tropas amigas.





## A ENTRADA NA GUERRA

A esperada “neutralidade favorável” que era um objetivo dos EUA nas Américas estava funcionando com vigor, pois após as conferências de Lima (1938), Panamá (1939) e Havana (1940), pactos de segurança continental foram definidos, e a imersão americana no Brasil no viés cultural, vendendo o “*american way of life*”, foi estabelecida e as influências do eixo suprimidas. Diferente do que é dito, o partido nazista do Brasil não era o segundo maior do mundo, mas existia certa simpatia de certas comunidades com essa ideologia, situação que pôde ser contornada com a maciça propaganda hollywoodiana envolvendo a América Latina, que, de repente, foi descoberta pela elite cultural americana.

Essa situação era positiva para os EUA em todos os sentidos: barrar a influência alemã, acabar com entraves nacionalistas para tirar proveito dos recursos existentes no Brasil, exportar o modelo liberal-democrático e criar uma zona de influência. Nesse sentido, os EUA seriam o irmão mais velho que ensinaria os outros países sobre sua égide a prosperar, em contrapartida receberiam recursos estratégicos e uma cultura exótica para entreter suas massas.

Aos poucos, os norte-americanos começaram a utilizar as bases no nordeste brasileiro, pois, após muitas negociações e desconfianças, as exigências brasileiras foram aceitas. Com o Eixo controlando o Mediterrâneo e avançando, o medo americano só aumentava, então, quatro dias após o ataque a Pearl Harbor, os primeiros fuzileiros navais, militares do Exército e aviões chegavam a Natal, para dar início às operações de transporte de militares e suprimentos para o teatro de guerra, no chamado “trampolim para a vitória” (nome adotado para garantir a vitória na guerra, pois, por exemplo, em 1943, havia até 800 pousos e decolagens diários no Nordeste brasileiro).

O Brasil dava em seus passos finais para o envolvimento completo na guerra, além da já citada permissão para uso das bases do Nordeste em troca do armamento e do apoio financeiro, juntamente com outros países da América Latina, baseados nos princípios do panamericanismo estimulado no ano anterior pelos EUA, rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo, em janeiro de 1942. Tal ato foi considerado uma hostilidade direta pela Alemanha.

Como resposta, em fevereiro começaram os ataques alemães a embarcações brasileiras, por estarem comprimidas com o esforço de guerra Aliado, e 12 embarcações mercantes brasileiras foram afundadas, com o saldo de 133 mortes em águas internacionais até o mês de agosto. Em maio de 1942, o navio *Comandante Lyra* foi o primeiro mercante brasileiro a ser atingido em águas nacionais, pelo submarino italiano *Barbarigo*, sendo socorrido por uma patrulha americana e não afundando. O *Barbarigo* foi perseguido e atacado pela Força Aérea Brasileira, em sua primeira ação de guerra desde a criação.

O departamento de imprensa e propaganda externou efusivamente o feito brasileiro, tendo o ministro Salgado Filho elogiado publicamente os militares brasileiros e estimulado novos atos de defesa com o uso da força, tal ato fez os alemães sentirem-se atingidos moralmente, o que os fez acabarem com qualquer restrição de ataque a navios brasileiros. Somente em agosto seis navios brasileiros foram afundados, resultando em 600 mortos.

Como registrou o almirante Karl Dönitz, no seu livro *Memoirs: ten years and twenty days*:

No fim de maio, o Ministro da Aeronáutica brasileiro anunciou que um avião brasileiro tinha atacado submarinos do Eixo e que continuaria a fazê-lo. Sem nenhuma declaração formal, achamo-nos assim num estado de guerra com o Brasil, e a 4 de julho os U-Boats receberam permissão dos nossos líderes políticos de atacarem todos os navios brasileiros (Dönitz, 1997).



Figura 3 - O heroísmo do Arará, óleo sobre tela de Álvaro Martins.

Fonte: Museu Aeroespacial

Em 22 de agosto de 1942, o Brasil declarava beligerância contra Alemanha e Itália, e em 31 de agosto, declarava guerra. Até o fim da guerra, navios brasileiros, americanos e ingleses seriam afundados por alemães, porém, de agosto de 1942 em diante, começaria a surgir uma reação conjunta, de marinhas e forças aéreas aliadas, diminuindo o ritmo de ataques. É importante destacar a façanha do hidroavião Catalina batizado “Arará”, em homenagem a um dos navios afundados, ao afundar um *U-boat* em águas brasileiras.

Apesar de desestimulado pelos aliados, o governo brasileiro queria enviar uma força expedicionária para combater os alemães, o que não estava dentro da realidade financeira e militar do Brasil à época, pois as forças armadas careciam de material, treinamento moderno e tropa em condições. O primeiro local planejado para as operações foi o Teatro do Mediterrâneo.

Como diz Francisco César Ferraz (2005),

As armas, munições e equipamentos originavam-se de fornecedores de diversos países, alguns dos quais em guerra contra o Brasil; havia carência de carros de combate, equipamentos de comunicação, engenharia, logística e peças de artilharia até para a defesa das fronteiras contra os tradicionais “inimigos potenciais” do Prata.

Equipamentos que já eram usados na guerra, como criptógrafos, teletipos, detectores de minas, unidades de cozinha, limpeza e banho eram completamente desconhecidos por oficiais e praças. Um “novo” exército deveria ser criado para o combate no Mediterrâneo.





O Brasil sempre demorou a se acostumar e a se adaptar com doutrinas novas de combate, situação tal que pode ser vista, por exemplo, na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, pois, enquanto os Estados Unidos da América e os Estados Confederados da América já se utilizavam de táticas de combate baseadas em guerra de posições na Guerra de Secessão, os países do Prata ainda estavam pelejando em batalhas campais com táticas de ataque e defesa ultrapassadas. Além disso, enquanto os países citados inicialmente já utilizavam submarinos e desenvolveram dois encouraçados, o Brasil jogava a parte frontal do vapor *Amazonas* como aríete para destruir os navios paraguaios e vencer no Riachuelo.

Nos anos 1940 não foi diferente. Adaptar o Exército Brasileiro à citada doutrina militar americana demandou esforço e cooperação extrema. Os EUA tiveram que arcar com a entrega de armamento, transporte de tropas e treinamento para a tropa, que necessitava ser recrutada da melhor forma possível. O primeiro “recrutado” seria o comandante da Força e, para isso foi escolhido o general João Baptista Mascarenhas de Moraes, gaúcho de São Gabriel, que apoiou os paulistas na revolução de 1932, quando era coronel (tal simpatia com a causa paulista influenciará a participação da Guarda Civil e da Força Pública na guerra). Mascarenhas sempre se mostrou refratário a questões políticas e avesso à procura de popularidade entre a tropa, e mantinha uma postura profissional correta. Não ofereceria, portanto, perigo ao regime, caso retornasse com a tropa vitoriosa.

Observadores foram mandados para os teatros da Itália e do Mediterrâneo, sendo verificada a necessidade de uma tropa com maior aptidão do que a que lutou em guerras anteriores. Em solo brasileiro, o recrutamento realizou exigentes testes de saúde e físicos, esperando convocar 60 mil homens, mas o que se viu foi a situação sanitária e médica lastimável do Brasil: homens com várias doenças, sem robustez física e analfabetos eram maioria nas fileiras, o que fez com que fossem aprovados somente 23.000 dos mais de 100.000 avaliados. A exigência da FEB era tão alta que vários homens do próprio Exército foram reprovados nos testes citados.

O efetivo provinha de várias regiões do Brasil, boa parte dos soldados, cabos e oficiais vinham do Sul e do Sudeste, devido à melhor qualidade de vida e maior facilidade de achar homens aptos. Já os sargentos, para evitar somente tropas de mesmo local e cultura, vinham em boa parte da região Nordeste. O Exército de então foi dividido em “Exército de Caxias” e “Exército da FEB”, pelas condições muito mais democráticas encontradas neste último, seja de tratamento entre oficiais e praças, armamento ou mesmo da alimentação e higiene. Pela nova doutrina, as relações humanas entre oficiais e praças visavam à eficiência em combate, e não a exteriorização de uma superioridade social que vinha do oficial.

Muitos soldados achavam melhor ir à guerra e alimentar-se três vezes ao dia do que ficar em aquartelamentos dos extremos sul e norte brasileiros à mercê de falta de alimentos e de água, somados a condições extremas de temperatura.

Houve inúmeras dúvidas sobre a capacidade do Brasil ir à guerra graças às dificuldades, não à toa quando mudaram o nome de Corpo Expedicionário para Força Expedicionária, começaram a fazer piada dizendo que o Brasil estava “tirando o corpo fora” e houve o famoso boato dizendo que Hitler afirmou que “era mais fácil uma cobra fumar cachimbo que o Brasil entrar na guerra”.



## E A COBRA FUMOU...

Com todos os problemas citados, o embarque já era considerado uma vitória. Então, finalmente, em 2 de julho, o navio *USS General Mann* partiu para a Itália levando primeiramente o paulista 6º Regimento de Infantaria, que cumpriu com distinção sua missão, principalmente nos primeiros meses de combate, nas primeiras vitórias.

Foi graças à ação conjunta dos três regimentos, com o imprescindível apoio da Artilharia Divisionária, que as principais batalhas foram vencidas, seja em Montese, no combate mais sangrento, seja no Monte Castello, que virou questão de honra após intermináveis tentativas falhas de tomada, ou mesmo em Fornovo di Taro, glorificação estratégica da FEB, quando ao capturar uma divisão alemã inteira, quando essa tentava se juntar a outra divisão que também recuava.

Ao chegar à Itália, a tropa foi equipada, fardada com um uniforme igual ao do Exército a qual ela estava incorporada, o norte-americano, e os oficiais receberam novo treinamento para que repassassem à tropa, já que o treinamento em terras brasileiras não foi tão eficiente, nem suficiente. Após vitórias iniciais em setembro e algumas derrotas nos meses seguintes, as tropas brasileiras acostumaram-se com o combate. Ao ser iniciada a participação em combate, no mês de setembro, dois novos elementos, que surgiram com a doutrina americana de combate, foram postos à prova: o 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado e o Pelotão de Polícia Militar.

O primeiro citado veio de um novo conceito de Cavalaria, a leve, utilizando carros de combate mecanizados, como o já citado M-8 Greyhound. Foi comandado primeiramente pelo capitão Flávio Franco Ferreira, e posteriormente pelo capitão Plínio Pitaluga. Enfrentou uma diversidade de ambientes durante suas missões, combatendo a pé nos Apeninos, pelas dificuldades do terreno, e com blindados ao liberar cidades, como por exemplo Montese. Em uma operação do esquadrão com o blindado M-8, na Ofensiva da Primavera, os cavalarianos perseguiram o inimigo logo após a vitória em Montese (entre os dias 14 e 17 de abril de 1945), forçando a rendição de 14.779 alemães e italianos ao 6º Regimento de Infantaria em Fornovo di Taro, no dia 28 do mesmo mês.

O Pelotão de Polícia Militar, criado pela doutrina americana, é o ponto principal deste trabalho, é a partir dele que a participação da polícia paulista nos campos da Itália será destacada.

## OS PAULISTAS E SUA PARTICIPAÇÃO NA GUERRA

Para cumprir a missão de Polícia do Exército, garantindo a segurança dos locais conquistados, as escoltas de presos e a ordem interna na tropa, o general Mascarenhas precisaria de uma tropa experiente e com capacidade de cumprir a missão com êxito. A tropa da Guarda Civil seguia o comportamento da polícia londrina para manter a ordem, sendo muito elogiada pelo comportamento e pelas atitudes perante a população civil.

O general resolveu que, em vez de treinar soldados, seria melhor convocar a guarda paulista, pois esta já sabia fazer esse serviço. Foram abertas 80 vagas para voluntários e 600 guardas se inscreveram. Foram selecionados 79, que foram para a cidade do Rio de Janeiro onde passaram



seis meses em treinamentos. Embarcaram 73 para a Itália junto com o primeiro escalão da FEB e, incorporados ao Exército, começaram a desempenhar suas funções de manter a ordem já embarcados.

Anteriormente, nos anos 1940, a Guarda Civil era responsável pelo policiamento nas áreas mais urbanizadas e nobres da capital, enquanto a Força Pública seguia “punida” pela revolta de 1924, visto que, na época, dividiu-se, e a parte comandada pelo general Miguel Costa voltou-se contra o governo constituído e, após derrota, a Força, mesmo tendo metade ficado na legalidade, viu-se subordinada aos ditames da Polícia Civil por um decreto de 1928.

A Guarda Civil fora criada com o intuito de fazer a segurança do Estado realizando as funções policiais, enquanto a Força Pública combatia revoltas no Brasil afora. Era uma tropa com uma maior exigência para ingresso, e possuía missões em áreas mais nobres. De acordo com Luiz Eduardo Pesce de Arruda, em sua obra *Polícia Militar: uma crônica*.

No Teatro de Operações da Itália brilhava a Guarda Civil, que, sobretudo por seu “know-how” como polícia de trânsito, cedeu 79 homens à Força Expedicionária Brasileira, compondo o pelotão pioneiro de Polícia do Exército, que, com disciplina e coragem, executou suas missões peculiares no front italiano, e onde dois de seus integrantes foram mortos em ação (ARRUDA, 1997).

Chegando ao teatro italiano, foram armados, equipados, receberam o nome *Military Police* e suas funções, além das conhecidas insígnias das bucanieras. Cada PM tinha que pintar seu capacete, com as letras MP, tendo no meio uma bandeira do Brasil, quando o símbolo da cobra fumando foi instituído, ele foi pintado na lateral. Os policiais brasileiros tinham autoridade sobre todos os militares aliados, independente do país, pois a função de manter a ordem e controle não era somente sobre brasileiros.



Figura 4 - Guarda Civil Pedro Augusto Teixeira, a tenente enfermeira Maria de Lourdes Mercês e o Guarda Civil Antonio Marques Júnior

Fonte: Blog Francisco Miranda

De acordo com o livro *A Polícia de São Paulo nos campos da Itália* (2001), de Paulo Adriano Telhada, dois policiais militares pereceram na Itália, sendo eles:

- Paulo Emygdio Pereira, que estava fazendo a escolta de um comboio; como a estrada estava ruim e não podiam acender os faróis por causa do inimigo, o jipe caiu de uma altura de 30 metros.
- Clóvis Rosa da Silva que estava trabalhando no controle de trânsito de uma ponte perto de acampamento americano. Começou uma briga, o PM foi separar os dois americanos que estavam brigando e um dos americanos atirou nele, o policial morreu na hora.

Dos guardas que voltaram para o Brasil quando acabou a guerra, sete chegaram feridos e muitos tiveram sequelas psicológicas. Alguns não tiveram condições de continuar no trabalho policial, uma parte continuou trabalhando na polícia, alguns na milícia paulista e outros no Exército, formando o 1º Batalhão de Polícia do Exército, que carrega o nome de seu idealizador, marechal Euclides Zenóbio da Costa.

À Força Pública foi legada a missão de proteger as terras paulistas e seu litoral contra uma provável invasão que pudesse ferir nosso território, vinda da Alemanha. O trabalho foi cumprido com êxito, como sempre o fez, desde 1831. Foi um período de várias patrulhas na costa litorânea, vigilância contra possíveis espionagens e apoio à população em momentos de tensão, além de guarda a prisioneiros do Eixo e ações anti-sabotagem.

Essa atuação foi essencial para que a Força Pública recuperasse seu prestígio e seu poder, após a rusga que perdurava desde a revolta de 1924. Mesmo após a mudança de conceitos doutrinários dos anos 1930, e graças ao seu comandante, coronel Milton de Freitas Almeida, a Força Pública não deixou de ir à guerra quando convocada, cumprindo com determinação e afinco sua missão.



Figura 5 - Busto do marechal Mascarenhas de Moraes no 2º Batalhão de Polícia de Choque

Fonte: Foto do autor



## CONCLUSÃO

Como podemos ver, a 17ª estrela veio a abrilhantar o brasão de armas da Polícia Militar do Estado de São Paulo em um contexto nem um pouco esperado. Um país recém entrando num desenvolvimento industrial, com um exército pequeno, pouco preparado e que seguia uma doutrina ultrapassada, acaba entrando na maior guerra que a humanidade pôde ver, cumprindo com determinação o que lhe foi ordenado, mesmo frente a diversos contratemplos.

Os paulistas cumpriram sua missão em todas as frentes e com várias atuações: Os membros regulares do 6º Regimento de Infantaria de Caçapava foram essenciais para que a FEB chegasse demonstrando coragem e capacidade nos primeiros meses de combate. A Guarda Civil do Estado de São Paulo, que por sua excelência foi convocada para ser o modelo de Polícia do Exército concebido pela doutrina militar americana e pelo Marechal Zenóbio da Costa, e a Força Pública do Estado de São Paulo, com comprometimento e autoridade garantiu a integridade da terra bandeirante, defendendo o litoral paulista e a população do estado. Todos esses briosos paulistas demonstraram o valor de quem nasce para defender o Brasil, São Paulo e a sociedade, sendo lembrados por seu heroísmo pela Polícia Militar do Estado de São Paulo.





## BIBLIOGRAFIA

- ALBINO, Daniel da Silva. *A dialética de doutrinas francesa e norte-americana no Exército Brasileiro: o caso da Força Expedicionária Brasileira*. 2015. (205). Dissertação de mestrado em História Social – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Pós-Graduação em História, 2015.
- ARRUDA, Luiz Eduardo Pesce. Polícia Militar: uma crônica. *A Força Policial*, São Paulo, n. 13, p. 31-84, jan./mar. 1997.
- BARONE, João. *O Brasil e sua guerra quase desconhecida*. Rio de Janeiro: Harper Collins. 2013.
- DONITZ, Karl. *Memoirs: ten years and twenty days*. Boston: Da Capo Press, 1997.
- DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.
- FERRAZ, Francisco César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- HOUSE, Jonathan M. *Combinação das Armas: a guerra no Século XX*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.
- MARANGONI, Pedro Alberto. *A opção pela espada*. Joinville: Clube dos Autores, 2015.
- MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Barbudos, sujos e fatigados*. São Paulo: Grua Livros. 2010.
- MORAES, João Batista Mascarenhas. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2015.
- PORTAL DA FEB. *A guarda civil de São Paulo na Segunda Guerra Mundial*. Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/guarda-civil-de-sao-paulo-na-segunda-guerra-mundial/>> Acesso em 19 jul. 2023
- PORTAL DA FEB. *A Polícia de São Paulo nos campos da Itália*. Disponível em: < <http://www.portalfeb.com.br/a-policia-de-sao-paulo-nos-campos-da-italia/>>. Acesso em: 19 jul. 2023.
- ROMJUE, J. L. The Evolution of American army doctrine. *Militaire Spectator*. Netherland, 165, out. 1996, p. 436-445. Disponível em: <<https://www.militairespectator.nl/sites/default/files/bestanden/uitgaven/1996/1996-0436-01-0119.PDF>>.
- TELHADA, Paulo Adriano. *A Polícia de São Paulo nos campos da Itália*. São Paulo: KMK, 2001.
- WRIGHT JR, Robert K. Army lineage Series, *Military Police*, Washington D.C., EUA, jan 1991, (298). Disponível em: [https://history.army.mil/html/books/060/60-9-1/cmhPub\\_60-9-1.pdf](https://history.army.mil/html/books/060/60-9-1/cmhPub_60-9-1.pdf).



**João Vitor Palmeiro** é 1º Tenente da Polícia Militar do Estado de São Paulo, atuando na área Central de São Paulo, Capital. Possui bacharelado em Ciências Policiais de Segurança e Ordem Pública pela Academia de Polícia Militar do Barro Branco e é acadêmico de História pela Universidade Cruzeiro do Sul. Atualmente é pesquisador associado do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército.

ID Lattes: 9619603141202446.